

BC eleva juro a 11,75% e indica mais altas para tentar conter inflação

Política monetária Ofensiva contra alta de preços

Juro vai a 11,75% e BC indica mais altas

Copom sobe Selic em 1 ponto porcentual e diz que guerra pressiona os preços em todo o mundo, o que pode demandar novos aumentos da taxa para conter a inflação

MAIS INFORMAÇÕES NA PÁG. B2

Política Monetária Ofensiva contra a inflação

Pressão de combustível e alimentos deixa incerto o fim de ciclo na Selic

Em um ano, a alta é de 9,75 pontos, na tentativa de conter a inflação, o que ficou ainda mais difícil com a guerra na Ucrânia

THAÍS BARCELLOS EDUARDO RODRIGUES BRASÍLIA

Com a inflação sem dar trégua e a guerra no Leste Europeu pressionando ainda mais os preços de alimentos e combustíveis, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) elevou a taxa básica de juros pela nona reunião consecutiva. Com um aumento de 1,00 ponto porcentual de ontem, a Selic chegou a 11,75% ao ano, o maior patamar desde abril de 2017 (12,25%).

Mesmo com os choques causados pela invasão russa na Ucrânia, o Copom manteve a promessa de tirar o pé do acelerador. Nas últimas três reuniões, o colegiado havia aumentado a Selic em 1,5 ponto porcentual em cada uma. Após ter chegado à míni-

ma histórica de 2,00% ao ano durante a pandemia, a taxa básica já acumula um ajuste de 9,75 pontos desde março passado.

A última vez que houve nove aumentos seguidos (um ano de aperto) foi entre abril de 2013 e abril de 2014. Na época, o avanço foi mais modesto, de 7,25% para 11,00%, ou 3,75 pontos porcentuais, nas vésperas da campanha de reeleição da ex-presidente Dilma Rousseff (PT). O ritmo de alta dos juros deste ciclo já é o maior desde 1999, quando, durante a crise cambial, o BC aumentou a Selic em 20 pontos porcentuais de uma só vez.

O colegiado também avisou que continuará subindo a taxa. Para a próxima reunião, no começo de maio, a sinalização é de nova alta de 1,00 ponto, levando a Selic para 12,75%. O BC pregou cautela, mas deixou claro que, sob a incerteza ampliada com a guerra, poderá estender o aperto monetário o quanto for necessário para trazer as expectativas de inflação, principalmente de 2023, para perto da meta.

“O Copom avalia que o momento exige serenidade para avaliação da extensão e dura-



ESCALADA

BC fez o nono aumento seguido da taxa básica de juros

Meta Selic



ção dos atuais choques. Caso esses se provem mais persistentes ou maiores do que o antecipado, o Comitê estará pronto para ajustar o tamanho do ciclo de aperto monetário”, afirmou o BC, após a reunião.

TENDÊNCIA. O aviso de que os juros terão mais um aumento de

1,00 ponto porcentual em maio mostra que o BC está comprometido a fazer o que for preciso para trazer a inflação de volta ao centro da meta no ano que vem. A avaliação foi feita pela economista-chefe do Santander, Ana Paula Vescovi, após leitura do comunicado do Copom.

Conforme a economista, que

foi secretária do Tesouro no governo Michel Temer, a atuação dos bancos centrais diante da escalada das commodities após a guerra na Ucrânia é para inibir os efeitos secundários do choque de oferta. No Brasil, o BC vai na mesma direção, e deve deixar a porta aberta, conforme expectativa de Vescovi, para mais um aumento de 0,5 ponto porcentual após a reunião de maio, para quando o Copom já indicou que levará a Selic para 12,75%.

Segundo a economista-chefe do Santander, o movimento do Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) de começar a subir os juros ontem, indicando mais seis aumentos dos fed funds até o fim do ano, coloca pressão sobre a Selic.

A avaliação dela é de que o ciclo de alta da Selic termina com a taxa a 13,25%, o que deve ser suficiente para que a inflação possa convergir ao centro da meta de 2023 (3,25%).

O Brasil se consolidou como sede de uma das maiores taxas de juros reais (descontada a inflação) do mundo. Cálculos do site MoneYou e da Infinity Asset Management indicam que o juro real brasileiro está agora em 7,10% ao ano. É o segundo juro real mais alto, entre as 40 economias mais relevantes. Só fica atrás da Rússia, que recentemente teve de elevar sua taxa nominal de 9,5% para 20% e estabelecer o controle de capitais, sob a guerra.

COLABOROU EDUARDO LAGUNA

BC americano eleva juro para 0,25% e 0,50% ao ano

O Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC, na sigla em inglês) do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) decidiu elevar a taxa de juros de referência em 0,25 ponto porcentual, para a faixa

entre 0,25% e 0,50% ao ano. De acordo com o comunicado da decisão, o Fed prevê que aumentos contínuos dessa faixa podem ser apropriados. É a primeira vez que o Fed eleva os juros desde 2018.

A maioria dos dirigentes votou pela alta de 25 pontos-base, exceto James Bullard, que preferiu nesta reunião aumentar a faixa em 50 pontos-base para 0,50% a 0,75%.

O Fed avalia que a inflação

nos Estados Unidos se mantém elevada, refletindo problemas de oferta e demanda relacionados à pandemia e à alta nos preços de energia.

No comunicado de sua decisão de política monetária, a autoridade avalia ainda que a questão reflete pressões de preços “mais amplas”. Já os in-

dicadores de atividade e emprego continuaram a se fortalecer, na visão do Fed. Os ganhos no emprego foram fortes nos últimos meses.

Segundo o Fed, a guerra na Ucrânia causa enormes prejuízos humanos e dificuldades econômicas e implicações “incertas” aos EUA.

O impacto da alta do juro nos investimentos



# Brasil pode sofrer menos na guerra, diz ex-Banco Central

MÁRCIA DE CHIARA

O Brasil é um dos países que menos vão sofrer com o impacto da inflação global agravada pela guerra entre Rússia e Ucrânia, segundo o ex-diretor do Banco Central e CEO da Mauá Capital, Luiz Fernando Figueiredo.

Essa relativa vantagem comparativa apontada pelo economista está no fato de o Banco Central brasileiro ter sido um dos primeiros a começar a elevar a taxa básica de juros, a Selic, para conter a alta de preços. Hoje o BC já está no final do ciclo de aperto monetário. Outro ponto favorável é que o País é um grande exportador

de commodities. Com isso, a disparada dos preços em dólar das matérias-primas, que ganhou força com a guerra, gera mais renda para o setor agrícola e Produto Interno Bruto (PIB) para o País, minimizando o impacto no câmbio. “O cenário é menos negativo para o Brasil, mas não dá para ficar otimista nessa situação.”

O economista frisa que o quadro atual é muito fluido e incerto. Numa semana o barril de petróleo bate US\$ 130 e na outra está abaixo de US\$ 100. Por isso, acredita que os bancos centrais pelo mundo têm de reagir aos estragos que a guerra trouxe para a inflação, mas devem ser cautelosos para não exagerar na dose e agra-

var o cenário de baixo crescimento com a alta de juros.

Figueiredo acredita que daqui para frente o risco político passará a fazer parte dos fatores de sustentabilidade que norteiam investimentos. “Países que trazem esse risco vão sofrer muito mais e, nesse sentido, o Brasil não tem esse tipo de problema.” ●

## Contas de luz deverão ficar mais caras com alta do diesel

*Usinas térmicas atendem cidades não conectadas ao sistema nacional de transmissão de energia*

ANDRÉ BORGES  
BRASÍLIA

O efeito da alta dos combustíveis não vai se restringir às bombas dos postos de gasolina ou às prateleiras dos supermercados, inflacionadas com o custo do transporte. A conta de luz também vai subir.

O governo e órgãos do setor elétrico ainda fazem as contas, uma equação complicada em função da volatilidade diária que domina os preços dentro e fora do Brasil, mas o fato é que o preço do óleo diesel subiu, e esse repasse é inevitável para bancar as operações de usinas térmicas movidas pelo combustível.

Essas usinas, que são as mais caras de todas as fontes de geração, já foram acionadas à exaustão até o fim do ano passado, por causa da crise hídrica. Com as chuvas de verão, parte delas foi desligada, mas ainda assim há centenas que continuam em operação, por dois motivos: o primeiro é que essa geração ajuda a preservar os

reservatórios das hidrelétricas para que eles atravessem o período seco; o segundo é que as térmicas a óleo são, basicamente, a única fonte de energia elétrica em centenas de municípios do Brasil que ainda não estão conectados ao sistema nacional de transmissão de energia.

Seja qual for o motivo de acionamento das usinas a óleo, quem paga mais essa conta é o consumidor. Cada centavo gasto por essas térmicas é bancado por um encargo embutido na conta de luz, a Conta de Consumo de Combustíveis (CCC). No fim do ano passado, já se previa que as despesas com o encargo subiriam 21% neste ano, chegando a R\$ 10,3 bilhões, justamente em função do aumento dos preços dos combustíveis. Agora, em decorrência da guerra entre Rússia e Ucrânia e das dificuldades de se prever os im-

pactos nos preços dos combustíveis, não se sabe exatamente onde isso vai parar.

**DISTRIBUIDORAS.** O Estadão apurou que, desde a semana passada, as principais distribuidoras de energia da Região Norte, onde funciona a maioria das usinas térmicas, passaram a fazer contas e procuraram a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) para tratar do assunto.

Tome-se como exemplo o caso de Boa Vista. A capital de Roraima, que é a única do País que não está conectada ao sistema interligado nacional, depende completamente de usinas a óleo diesel. Por dia, é consumido mais de 1,05 milhão de litros de óleo diesel para abastecer a cidade e sua região. “O reflexo imediato na alta do diesel é basicamente o aumento do preço médio da energia, o que impacta sobremaneira a Conta de Consumo de Combustíveis (CCC), haja vista que o custo acima da cobertura tarifária é totalmente coberto via reembolso pelo encargo”, afirmou a distribuidora Roraima Energia.

A Amazonas Energia declarou que “os limites de preço para os insumos de geração dos sistemas isolados são definidos pela regulamentação” do setor. Por isso, tem tratado do tema com os agentes públicos que fiscalizam o setor elétrico. ●

.....

**Em alta**

**1,05 milhão de litros de óleo diesel são necessários para abastecer Boa Vista com eletricidade**

**R\$ 10,3 bi** é quanto custará a Conta de Consumo de Combustível (CCC) neste ano

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

**Seção:** Economia & Negócio **Caderno:** B **Página:** 1 a 6